Este livro é para Patrick Ryan

Parte
UM

CAPÍTULO 1

A primeira vez que o nosso pai trouxe Andrea à Casa Holandesa, Sandy, a nossa governanta, veio ao quarto da minha irmã e pediu-nos que descêssemos.

— O vosso pai tem uma pessoa amiga que quer que conheçam — disse.

— É um amigo do trabalho? — perguntou Maeve. Ela era mais velha e, por isso, tinha uma compreensão mais complexa da amizade.

Sandy considerou a pergunta:

— Eu diria que não. Onde está o teu irmão?

— No assento junto à janela — respondeu Maeve.

Sandy teve de afastar as cortinas para me encontrar.

— Porque fechas as cortinas?

Estava a ler.

— Por privacidade — disse, embora aos oito anos não tivesse qualquer noção do que era a privacidade. Gostava da palavra e da sensação de clausura que as cortinas davam quando estavam fechadas.

Quanto ao visitante, era um mistério. O nosso pai não tinha amigos, pelo menos não do tipo que fossem à nossa casa num fim de tarde de sábado. Saí do meu lugar secreto e fui até ao topo das escadas para me deitar no tapete que cobria o patamar. Sabia por experiência que, nessa posição, conseguia ver a sala de estar olhando por entre o poste e o primeiro balaústre. Ali estava o nosso pai diante da lareira com uma mulher e, pelo que percebi, estudavam os retratos do Sr. e da Sra. VanHoebeek. Levantei-me e voltei ao quarto da minha irmã para apresentar o meu relatório.

— É uma mulher — disse a Maeve. Sandy já o devia saber.

Sandy perguntou-me se eu lavara os dentes. Significava saber se o fizera naquela manhã. Ninguém lavava os dentes às quatro da tarde. Sandy tinha de fazer tudo sozinha porque Jocelyn folgava aos sábados. Ela teria acendido a lareira, aberto a porta e oferecido bebidas. Ainda por cima, era agora responsável pelos meus dentes. Sandy folgava às segundas-feiras. Também folgavam ambas aos domingos porque o meu pai achava que as pessoas não deviam trabalhar nesse dia.

— Lavei — respondi, porque provavelmente lavara.

— Lava-os de novo — ordenou. — E escova o cabelo.

A última parte foi dirigida à minha irmã, cujo cabelo era comprido e preto, e tão grosso como dez rabos-de-cavalo juntos. Por mais que o escovasse, nunca parecia penteado.

Assim que nos considerou apresentáveis, Maeve e eu descemos as escadas e ficámos sob o amplo arco do vestíbulo, observando o nosso pai e Andrea a contemplar os VanHoebeeks. Não nos viram, ou não deram sinal disso — era difícil de dizer. Portanto, esperámos. Maeve e eu sabíamos ficar em silêncio, um hábito nascido de tentarmos não irritar o nosso pai, ainda que se irritasse mais quando nos aproximávamos sorrateiramente dele. Envergava o fato azul, embora nunca usasse fato ao sábado. Pela primeira vez, vi que o seu cabelo começava a ficar grisalho atrás. De pé, ao lado de Andrea, parecia ainda mais alto.

— Deve ser um conforto tê-los contigo — disse-lhe Andrea, não sobre os filhos, mas acerca dos quadros. O Sr. e a Sra. VanHoebeek, cujos nomes próprios eu nunca ouvira, eram velhos nos retratos, mas não inteiramente antigos. Vestiam ambos de preto e perfilavam-se com uma formalidade ereta que indicava outro tempo. Mesmo em molduras separadas, estavam tão juntos, tão *casados*, que sempre pensei que aquelas deviam ter sido um quadro grande que alguém cortara ao meio. Andrea inclinou a cabeça para trás a fim de estudar os quatro olhos astutos que pareciam seguir um rapaz com desaprovação, não importava em qual dos sofás ele se decidisse sentar. Maeve, em silêncio, espetou um dedo entre as minhas costelas para me fazer gritar, mas contive-me. Ainda não tínhamos sido apresentados a Andrea, que, de costas, parecia pequena e elegante, no seu vestido com cinto e chapéu escuro do tamanho de um pires preso sobre uma madeixa de cabelo claro. Fora

educado por freiras, eu sabia que não devia constranger um convidado rindo-me. Andrea não tinha como saber que as pessoas nos quadros tinham vindo com a casa, que tudo ali viera com a casa.

Os VanHoebeeks da sala eram as estrelas do espetáculo, uma demonstração em tamanho real de pessoas gastas pelo tempo, com o rosto severo e antipático retratado segundo a exatidão holandesa, e uma compreensão distintamente holandesa da luz, mas havia dezenas de outros retratos menos importantes em cada andar — os filhos nos corredores, os antepassados nos quartos, as pessoas sem nome que eles admiravam espalhadas por toda a parte. Havia também um retrato de Maeve aos dez anos e, embora não fosse tão grande como as pinturas dos VanHoebeek, era igualmente bom. O meu pai mandara vir um artista famoso de Chicago. Segundo reza a história, ele deveria pintar a nossa mãe, mas ela, que não fora informada de que o pintor ia ficar em nossa casa durante duas semanas, recusou-se a posar e então ele pintou a Maeve. Quando o retrato ficou terminado e foi emoldurado, o meu pai pendurou-o na sala, frente aos VanHoebeeks. A Maeve gostava de dizer que fora ali que aprendera a encarar as pessoas.

— Danny — disse o meu pai quando se virou com ar de quem esperava que estivéssemos exatamente ali. — Vem dizer olá à Senhora Smith.

Irei sempre acreditar que a expressão de Andrea se desfez por um instante quando olhou para Maeve e para mim. Mesmo que o meu pai não tivesse mencionado os filhos, ela devia saber que eles existiam. Todos em Elkins Park sabiam o que se passava na Casa Holandesa. Talvez ela tivesse pensado que ficaríamos no andar de cima. Afinal, ela viera ver a casa, não as crianças. Ou talvez a expressão no seu rosto fosse apenas para Maeve, que, aos quinze anos e calçando ténis, era já uma cabeça mais alta do que Andrea de saltos. Maeve demonstrara inclinação para se curvar quando se tornou claro que iria ser mais alta do que todas as raparigas da sua turma e a maioria dos rapazes, e o nosso pai foi implacável na correção da sua postura. *Cabeça-erguida-ombros-para-trás* poderia ter sido o nome dela. Durante anos, batia-lhe entre as omoplatas com a palma da mão sempre que passava por ela numa sala. Como consequência não intencional, Maeve apresentava-se agora como um

soldado na corte da rainha, ou como a própria rainha. Até eu via como ela pode ter parecido intimidante: a altura, a muralha preta brilhante de cabelo, o modo como baixava os olhos a fim de observar as pessoas, em vez de dobrar o pescoço. Contudo, aos oito anos, eu ainda era confortavelmente mais baixo do que a mulher com quem o nosso pai se casaria mais tarde. Estendi a mão para apertar a pequena mão dela e disse o meu nome. Maeve fez o mesmo. Embora a recordação da história seja que Maeve e Andrea estiveram em desacordo desde o início, não é verdade. Maeve foi justa e educada quando se conheceram, e permaneceu justa e educada até já não ser possível continuar a sê-lo.

— Como está? — perguntou Maeve, e Andrea respondeu que estava muito bem.

Andrea estava bem. Claro que sim. Durante anos, o seu objetivo fora entrar na casa e enfiar o braço no do nosso pai enquanto subia os largos degraus de pedra e atravessava o terraço de tijoleira vermelha. Fora a primeira mulher que o nosso pai trouxera para casa desde que a nossa mãe partira, embora Maeve me dissesse que ele tivera um envolvimento com a nossa ama durante algum tempo, uma rapariga irlandesa chamada Fiona.

— Achas que ele dormia com a Fluffy? — perguntei-lhe. Fluffy[1] era o nome que dávamos a Fiona quando éramos crianças, em parte porque tinha dificuldade em pronunciar o nome, em parte por causa das ondas suaves de cabelo ruivo que lhe caíam pelas costas numa nuvem fascinante. A notícia desse caso chegou-me do mesmo modo que a maioria das informações: muitos anos depois, sentado num carro estacionado do lado de fora da Casa Holandesa com a minha irmã.

— Ou isso ou ela limpava o quarto dele a meio da noite — disse Maeve.

O meu pai e Fluffy em flagrante delito. Abanei a cabeça:

— Não consigo imaginar.

— Não deves tentar *imaginar*. Céus, Danny, isso é nojento. De qualquer forma, eras quase um bebé durante o governo da Fluffy. Estou surpreendida por te lembrares sequer dela.

[1] Fofo, felpudo. *(N. da T.)*

Mas Fluffy batera-me com uma colher de pau quando eu tinha quatro anos. Ainda tenho uma pequena cicatriz em forma de taco de golfe junto ao olho esquerdo — a marca de Fluffy, como Maeve lhe chamava. Fluffy alegara que estava a cozinhar uma panela de molho de maçã quando a assustei agarrando-lhe a saia. Disse que tentava afastar-me do fogão e que nunca tivera intenção de me bater, embora eu achasse que seria difícil atingir acidentalmente o rosto de uma criança com uma colher. A história mostrava-se interessante na medida em que era a minha primeira memória distinta — de outra pessoa, da Casa Holandesa ou da minha própria vida. Não tinha uma única memória da nossa mãe, mas lembrava-me da colher de Fluffy a estalar na parte lateral da minha cabeça. Recordo-me de Maeve, que estava no corredor quando eu gritei, entrar disparada na cozinha tal como os veados voavam pela sebe na parte de trás da propriedade. Ela atirou-se a Fluffy, empurrando-a contra o fogão e fazendo saltar as chamas azuis, enquanto a panela de molho de maçã a ferver caía no chão, queimando-nos com salpicos semelhantes a agulhas. Fui enviado para o consultório do médico e levei seis pontos, a mão de Maeve foi enfaixada e Fluffy foi despedida, embora me recordasse dela a chorar e a dizer o quanto estava arrependida e que se tratara apenas de um acidente. Ela não queria ir. Esse foi o outro relacionamento do nosso pai, segundo a minha irmã, que devia saber, porque se eu tinha quatro anos quando fiquei com aquela cicatriz, ela já tinha onze.

Os pais de Fluffy tinham trabalhado para os VanHoebeek, como motorista e cozinheira. Fluffy passara a infância na Casa Holandesa ou no pequeno apartamento por cima da garagem; portanto, quando o nome dela voltou a aparecer ao fim de tantos anos, tive de me perguntar para onde teria ido.

Fluffy era a única pessoa na casa que conhecera os VanHoebeeks. Nem sequer o nosso pai os tinha conhecido, embora nos sentássemos nas cadeiras deles, dormíssemos nas suas camas e tomássemos as refeições na louça de Delft que lhes pertencera. Os VanHoebeeks não eram a história, mas, em certo sentido, a casa era a história, e aquela era a casa deles. Tinham feito fortuna na distribuição por grosso de cigarros,

um negócio de sorte no qual o Sr. VanHoebeek entrara pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial. Os cigarros eram dados aos soldados em combate, com fins morais, e o hábito seguiu-os até casa para comemorar uma década de prosperidade. Os VanHoebeeks, mais ricos a cada minuto, encomendaram a construção de uma casa nos então terrenos agrícolas nos arredores de Filadélfia.

O impressionante sucesso da casa podia ser atribuído ao arquiteto, embora, quando me lembrei de procurar, não encontrasse outros exemplos do seu trabalho. Podia dar-se o caso de um ou ambos os VanHoebeeks severos terem sido algum tipo de visionários estéticos, ou que a propriedade tenha inspirado uma maravilha além do que qualquer um deles imaginara, ou ainda que a América após a Primeira Guerra Mundial estivesse repleta de artesãos que trabalhavam segundo padrões há muito abandonados. Qualquer que fosse a explicação, a casa — aquela com que ficámos mais tarde — era uma confluência singular de talento e sorte. Não consigo explicar como um edifício de três andares podia parecer ter a quantidade certa de espaço, mas parecia. Ou talvez fosse melhor dizer que era demasiada casa para qualquer pessoa, um desperdício imenso e ridículo, mas que nós nunca quisemos que fosse diferente. A Casa Holandesa, como ficou conhecida em Elkins Park, Jenkintown, Glenside e até Filadélfia, não se referia à arquitetura, mas sim aos habitantes. Tratava-se do lugar onde viviam aqueles holandeses de nome impronunciável. Vista de certas perspetivas, à distância, parecia flutuar vários centímetros acima da colina onde se localizava. As vidraças que rodeavam as portas de vidro da frente eram tão grandes como montras de lojas, sendo sustentadas por trepadeiras de ferro forjado. As janelas captavam o sol e refletiam-no sobre o amplo relvado. Talvez fosse neoclássica, com uma simplicidade de linhas que se aproximava mais do mediterrâneo ou do francês e, embora não fosse holandesa, dizia-se que as cornijas das lareiras em azul de Delft da sala de estar, da biblioteca e do quarto principal tinham sido arrancadas de um castelo em Utreque e vendidas aos VanHoebeeks para pagar as dívidas de jogo de um príncipe. A casa, completa com cornijas de lareira, fora concluída em 1922.

— Eles tiveram sete bons anos antes de os banqueiros começarem a saltar pelas janelas — disse Maeve, dando aos nossos antecessores o seu lugar na história.

Ouvi falar pela primeira vez da propriedade que fora vendida no primeiro dia em que Andrea veio à casa. Ela seguiu o nosso pai até ao vestíbulo e olhou para o relvado da frente.

— É muito vidro — comentou, como se fizesse um cálculo para ver se o vidro podia ser trocado por uma parede a sério. — Não receia que as pessoas possam espreitar?

Não só se podia espreitar para dentro da Casa Holandesa, como ver através dela. Era mais estreita no meio, e o profundo vestíbulo dava para aquilo a que chamávamos observatório, o qual tinha uma parede de janelas voltada para o jardim das traseiras. A partir do caminho de acesso, conseguia-se percorrer com o olhar os degraus da frente, o terraço, as portas, o longo piso de mármore da entrada, o observatório, e avistar o alheio ondular dos lilases no jardim por trás da casa.

O nosso pai olhou para o teto e depois para ambos os lados da porta, como se só então pensasse nisso.

— Estamos suficientemente longe da rua — respondeu. Naquela tarde de maio, o muro de tílias que percorria os limites da propriedade estava coberto de folhagem, e a inclinação do relvado verde, onde eu rebolava como um cão no verão, era profunda e larga.

— Mas à noite — continuou Andrea, com voz preocupada. — Pergunto-me se não haverá forma de pendurar cortinas.

Cortinas para tapar a vista pareceram-me não só impossíveis, como a ideia mais estúpida que já ouvira.

— Já nos viu à noite? — perguntou Maeve.

— Tem de se lembrar da terra que havia aqui quando construíram o sítio — observou o nosso pai, ignorando Maeve. — Eram mais de oitenta hectares. A propriedade ia até Melrose Park.

— Mas porque a teriam vendido? — De repente, Andrea via que a casa teria feito mais sentido se não houvesse outras casas. A vista alcançaria muito para lá da encosta do relvado, além dos canteiros de peónias e das rosas. O olhar poderia viajar sobre um amplo vale e entrar numa floresta. Assim, mesmo que à noite os VanHoebeeks, ou um dos

seus convidados, olhassem pela janela do salão de baile, a única luz que veriam seria a das estrelas. Não havia nenhuma rua naquela época, nem um bairro, embora agora tanto a rua como a casa dos Buchsbaum, do outro lado da rua, fossem visíveis no inverno, quando as folhas caíam das árvores.

— Dinheiro — disse Maeve.

— Dinheiro — repetiu o nosso pai, acenando com a cabeça. Não era uma ideia complicada. Mesmo aos oito anos, eu percebia isso.

— Mas eles estavam errados — afirmou Andrea. Havia uma rigidez em redor da sua boca. — Pense em como este lugar devia ser lindo. Deviam ter tido mais respeito, se quer saber. A casa é uma obra de arte.

E ri-me então, porque percebi pelo comentário que os VanHoebeeks a deviam ter consultado antes de venderem o terreno. O meu pai, irritado, ordenou a Maeve que me levasse para cima, como se eu me tivesse esquecido do caminho.

Cigarros prontos, enfileirados nos maços eram um luxo para os ricos, bem como os hectares nunca pisados pelos donos. Pouco a pouco, a terra foi arrancada da casa. O desaparecimento da propriedade era uma questão de conhecimento público, uma história registada em escrituras. Foram vendidas parcelas para pagar dívidas — quatro hectares, depois vinte e mais onze. Elkins Park aproximava-se cada vez mais da porta. Assim, a família VanHoebeek sobreviveu à Depressão, apenas para o Sr. VanHoebeek morrer de pneumonia em 1940. Um dos rapazes faleceu na infância, e os dois filhos mais velhos morreram na guerra. A Sra. VanHoebeek morreu em 1945, quando não havia mais nada para vender além do jardim lateral. A casa e tudo o que ela continha voltaram para o banco, do pó ao pó.

Fluffy ficou para trás, por amabilidade do Banco de Poupança e Empréstimos da Pensilvânia, e recebeu uma pequena quantia para gerir a propriedade. Os pais estavam mortos, ou talvez tivessem encontrado outro emprego. De qualquer forma, ela vivia sozinha por cima da garagem, verificando a casa todos os dias para ter certeza de que o telhado não metia água e os canos não tinham rebentado. Abriu um caminho a direito desde a garagem até às portas da frente com um cortador de relva e deixou o resto do relvado crescer selvagem. Apanhou as frutas das

árvores deixadas perto das traseiras, e fez manteiga de maçã e conservou pêssegos para o inverno. Quando o nosso pai comprou o local, em 1946, os guaxinins tinham tomado conta do salão de baile e mastigado os fios elétricos. Fluffy entrava na casa apenas quando o sol estava no zénite, a hora em que os animais noturnos dormiam profundamente. Foi um milagre não terem queimado o sítio. Os guaxinins foram capturados e eliminados, mas deixaram pulgas, e as pulgas enfiaram-se em todo o lado. Maeve disse que as suas primeiras memórias de viver na casa eram de se coçar e do modo como Fluffy pintalgava cada picada com um cotonete embebido em loção de calamina. Os meus pais contrataram-na para ser a ama da minha irmã.

A primeira vez que Maeve e eu estacionámos na Rua VanHoebeek (*Van Who-bake*, pronunciado erradamente como *Van Ho-bik* por todos em Elkins Park) foi quando voltei de Choate para as férias da Páscoa. A Primavera foi imprópria nesse ano, já que havia trinta centímetros de neve, uma piada do Dia das Mentiras para coroar um inverno rigoroso. A verdadeira primavera, coisa que eu sabia desde o primeiro semestre no colégio interno, era para os rapazes cujos pais os levavam a velejar às Bermudas.

— O que estás a fazer? — perguntei-lhe quando ela parou diante da casa dos Buchsbaum, no lado da rua oposto à Casa Holandesa.

— Quero ver uma coisa. — Maeve inclinou-se e empurrou o botão do isqueiro.

— Não há nada para ver aqui — protestei. — Segue. — Eu estava de péssimo humor por causa do tempo e por aquilo que via como sendo a desigualdade entre o que tinha e o que merecia. Ainda assim, sentia-me feliz por estar de volta a Elkins Park, feliz por estar na carrinha da minha irmã, a *Oldsmobile* azul da nossa infância que o meu pai lhe cedera quando ela arranjara o seu próprio apartamento. Como eu tinha quinze anos e era um idiota, pensava que a sensação de lar que sentia tinha que ver com o carro e com o local onde estava estacionado, em vez de o atribuir totalmente e com gratidão à minha irmã.

— Estás com pressa para ir a algum lado? — Ela sacudiu o maço para tirar um cigarro e depois colocou a mão sobre o isqueiro. Se não estivéssemos preparados para apanhar o isqueiro, ele ejetava-se com força e fazia um buraco no assento, no tapete ou na perna, onde caísse.

— Vens até aqui quando estou na escola?

Pop. Ela acendeu o cigarro:

— Não.

— Mas aqui estamos nós — disse. A neve chegou, firme e suave, enquanto a última luz do dia era engolida pelas nuvens. Maeve tinha a alma de uma motorista de camiões islandesa, nenhum clima a detinha, mas eu acabara de sair de um comboio e estava cansado e com frio. Pensara que seria bom fazer tostas de queijo e ficar de molho na banheira. Os banhos eram objeto de troças infindáveis em Choate, nunca soube porquê. Só os duches eram considerados masculinos.

Maeve encheu os pulmões de fumo, exalou e desligou o carro.

— Pensei em vir aqui algumas vezes, mas decidi esperar por ti. — Sorriu-me então, baixando a janela apenas o suficiente para deixar entrar uma vaga de ar ártico. Eu insistira para que desistisse dos cigarros antes de ir para a escola, mas depois esqueci-me de lhe dizer que também começara a fumar. Era o que fazíamos em Choate, em vez de tomarmos banho.

Estiquei o pescoço a fim de olhar para o caminho de acesso:

— Consegues vê-las?

Maeve olhou pela janela do lado do condutor:

— Não sei porquê, mas não paro de pensar na primeira vez em que ela veio à casa há um milhão de anos. Ainda te lembras?

Claro que me lembrava. Quem poderia esquecer o aparecimento de Andrea?

— E ela disse aquela coisa de recear que as pessoas pudessem espreitar pelas nossas janelas à noite?

Assim que as palavras lhe saíram, a entrada foi inundada pela cálida luz dourada do candelabro. Então, após uma pausa, as luzes por cima da escada acenderam-se e, instantes depois, também a luz do quarto principal no segundo andar. A iluminação da Casa Holandesa sincronizara-se de modo tão exato com as suas palavras que o meu coração

quase parou. Claro que Maeve *tinha* vindo até à casa sem mim. Ela sabia que Andrea acendia as luzes mal o sol se punha. Negá-lo era mera teatralidade da parte da minha irmã, e apreciei o seu esforço quando o percebi mais tarde. Fora um belo espetáculo.

— Olha para aquilo — sussurrei.

Não havia folhas nas tílias, e a neve caía, embora com pouca força. Via-se para dentro da casa, através da casa, não com pormenores, é claro, mas a memória completava a imagem. Havia a mesa redonda por baixo do candelabro, na qual Sandy deixava a correspondência do nosso pai à noite, e, por trás dela, o relógio de pêndulo. A tarefa de lhe dar corda todos os domingos depois da missa era responsabilidade minha, para que o navio sob o *6* continuasse a balançar suavemente por entre duas fileiras de ondas azuis pintadas. Eu não conseguia ver o navio nem as ondas, mas sabia. Ali estava o aparador em meia-lua encostado à parede, o vaso de cobalto com a pintura da menina e do cão, as duas cadeiras em estilo francês nas quais nunca ninguém se sentava, o espelho gigante cuja moldura me recordava os braços retorcidos de um polvo dourado. Andrea atravessou o vestíbulo como se tivesse sido planeado. Estávamos demasiado longe para lhe ver o rosto, mas reconheci-a pelo andar. Norma desceu as escadas a toda velocidade e depois parou abruptamente, porque a mãe lhe deve ter dito que não corresse. Norma estava mais alta, embora também pudesse ser Bright.

— Ela deve ter-nos observado — disse Maeve — antes de ter vindo naquela primeira vez.

— Ou talvez toda a gente nos tenha observado, todos os que passavam por esta rua no inverno. — Enfiei a mão na mala dela e tirei os cigarros.

— Isso parece um pouco autoengrandecedor — comentou Maeve. — *Toda* a gente.

— Ensinam-nos isso em Choate.

Ela riu-se. Eu conseguia perceber que não esperava rir-se, e isso deixou-me imensamente satisfeito.

— Cinco dias inteiros contigo em casa — disse ela, soprando o fumo pela janela aberta. — Os melhores cinco dias do ano.

CAPÍTULO 2

Após a primeira visita à Casa Holandesa, Andrea permaneceu como um vírus. Assim que nos sentíamos seguros de que a tínhamos visto pela última vez, passando-se meses sem que o seu nome fosse mencionado, ali estava ela de novo à mesa de jantar, reprimida pela sua ausência a princípio e depois aquecendo com o tempo. Andrea completamente aquecida não falava sobre mais nada a não ser a casa. Estava sempre a comentar algum pormenor das sancas ou a especular sobre a altura exata do teto, como se o teto fosse novo para nós.

— Aquilo chama-se ovo e dardo — dizia-me, apontando. Quando começava a tornar-se absolutamente intolerável, desaparecia de novo, e eu e Maeve (e o nosso pai, assumíamos nós) éramos envolvidos por um alívio pleno com o seu glorioso silêncio.

Um domingo em que voltámos da missa, encontrámo-la sentada numa das cadeiras brancas de ferro à beira da piscina, ou Maeve encontrou-a. Maeve atravessou a biblioteca e viu-a através da janela, por acaso. Ela não chamou o nosso pai, como eu faria, dirigiu-se simplesmente à porta das traseiras junto da cozinha e saiu.

— Senhora Smith? — perguntou Maeve, protegendo os olhos com a mão. Chamámos-lhe Sra. Smith até eles se casarem. Depois, tenho a certeza de que preferiria que a tratássemos por Sra. Conroy, mas isso só intensificaria o constrangimento, já que Maeve e eu também éramos Conroy.

Maeve disse-me que Andrea se sobressaltou. Talvez estivesse a dormir.

— Onde está o teu pai?

— Dentro de casa. — Maeve olhou por cima do ombro. — Ele esperava-a?

— Eu estava à espera *dele* há uma hora — corrigiu Andrea.

Como era domingo, Sandy e Jocelyn estavam de folga. Acho que não a teriam deixado entrar se não nos encontrássemos em casa, mas não tenho a certeza. Sandy era a mais calorosa, e Jocelyn a mais desconfiada. Elas não gostavam de Andrea, e talvez a fizessem esperar na rua até chegarmos. Estava apenas ligeiramente frio, um dia agradável o suficiente para nos sentarmos à beira da piscina com a luz do sol a cintilar na água azul e as tenras linhas de musgo a crescerem por entre as lajes. Maeve disse-lhe que tínhamos ido à missa.

Depois ficaram as duas a fitar-se, sem que nenhuma desviasse o olhar.

— Sou metade holandesa, sabes — disse Andrea.

— Perdão?

— Do lado da minha mãe. Ela era de sangue holandês.

— Nós somos irlandeses — disse Maeve.

Andrea assentiu, como se tivesse havido algum desacordo, agora resolvido a seu favor. Quando se tornou óbvio que não ia haver mais conversa, Maeve entrou em casa para dizer ao nosso pai que a Sra. Smith o esperava junto da piscina.

— Onde raio estacionou? — questionou-me Maeve depois de o nosso pai ter ido lá para fora. A minha irmã quase nunca praguejava, sobretudo não logo a seguir à missa. — Ela estaciona sempre em frente da casa.

Então, fomos procurar o carro, espreitando primeiro para o outro lado da casa e depois para trás da garagem. Quando nenhum dos locais óbvios se revelou o correto, descemos o caminho de acesso, com a gravilha a estalar debaixo dos sapatos de domingo, e chegámos à rua. Não fazíamos ideia de onde Andrea morava, mas sabíamos que não era nossa vizinha; portanto, não viera a pé. Finalmente, encontrámos o seu *Impala* creme a um quarteirão de distância, com o canto dianteiro esquerdo amolgado. Maeve agachou-se para inspecionar os danos, e eu atrevi-me a tocar no para-choques suspenso, maravilhado com o farolim que fora poupado. Andrea batera em algo e não queria que soubéssemos.

Não contámos ao nosso pai sobre o carro. Afinal, ele não nos dizia nada. Nunca falava sobre Andrea, nem quando ela desaparecia, nem

quando voltava. Não nos disse se a tinha em mente para algum papel no nosso futuro. Quando ela estava presente, agia como se ela tivesse estado sempre ali, e quando desaparecia, não o queríamos recordar, receando que lhe dissesse para voltar. Na verdade, não me parece que estivesse particularmente interessado em Andrea, julgo apenas que não tinha os meios para lidar com a tenacidade dela. A estratégia, segundo conseguia perceber, era ignorá-la até que se fosse embora.

— Isso nunca vai funcionar — disse-me Maeve.

A única coisa que importava ao nosso pai era o trabalho: os prédios que construía, possuía e alugava. Raramente vendia alguma coisa, preferindo apoiar-se no que tinha para comprar mais. Quando tinha uma reunião com o banco, era o banqueiro quem se deslocava ao escritório dele, e fazia-o esperar. A Sra. Kennedy, a secretária do meu pai, oferecia-lhe chá e dizia-lhe que não devia demorar, embora às vezes demorasse. Não havia nada que o banqueiro pudesse fazer a não ser ficar sentado na pequena antessala, a segurar o chapéu.

A pouca atenção que sobrava ao meu pai no fim da semana era guardada para mim, e até isso incluía no trabalho. No primeiro sábado de cada mês, levava-me no *Buick* para receber as rendas, dando-me um lápis e um livro de registo para que anotasse quanto os inquilinos tinham pagado na coluna ao lado do que deviam. Em breve, eu sabia quem nunca estava em casa e quem se encontrava logo ali à porta com um envelope. Sabia quem teria queixas — uma sanita que vazava, outra entupida, um interruptor de luz avariado. Certas pessoas inventavam algo todos os meses, e só entregavam o dinheiro depois de o problema estar resolvido. O meu pai, cujo joelho fora destruído na guerra, coxeava ligeiramente enquanto ia ao porta-bagagens do carro buscar o que fosse necessário para consertar as coisas. Em pequeno, achava que o porta-bagagens era uma espécie de baú mágico — alicate, grampos, martelos, chaves de fendas, calafetagem, pregos —, estava tudo ali. Agora, sei que as coisas que as pessoas nos pedem numa manhã de sábado tendem a ter soluções fáceis, e o meu pai gostava dessas tarefas. Era um homem rico, mas queria mostrar que ainda sabia como as coisas funcionavam. Ou talvez a encenação fosse toda para mim, porque ele não precisava de andar a conduzir por aí a cobrar as rendas, como também

não necessitava de subir a um escadote arrastando a perna magoada para inspecionar uma telha solta. Tinha homens de manutenção. Talvez fosse por minha causa que arregaçava as mangas da camisa e retirava a tampa de um fogão para inspecionar o elemento de aquecimento, enquanto eu ficava ali maravilhado com tudo o que ele sabia. Pedia-me que prestasse atenção porque um dia o negócio ia ser meu. Eu precisava de saber como as coisas eram feitas.

— A única maneira de entendermos o que o dinheiro significa é termos sido pobres — disse-me enquanto almoçávamos no carro. — É o ponto que tens contra ti. Um rapaz que cresce rico, sem nunca ter falta de nada, sem passar fome… — Abanou a cabeça, como se tivesse sido uma escolha desapontante que eu tivesse feito. — Não sei como se ultrapassa uma coisa dessas. Podes ver estas pessoas o quanto quiseres, e como as coisas são para elas, mas isso não é o mesmo que vivê-las. — Pousou a sandes e tomou um gole de café da garrafa térmica.

— Sim, senhor — concordei, porque o que mais havia a dizer?

— A maior mentira nos negócios é que é preciso dinheiro para se ganhar dinheiro. Lembra-te disso. Tens de ser inteligente, ter um plano e prestar atenção ao que se passa em teu redor. Nada disso custa um cêntimo. — O meu pai não era muito de dar conselhos, e aquilo parecia tê-lo esgotado. Quando terminou, tirou o lenço do bolso e passou-o pela testa.

Quando me estou a sentir caridoso, olho para trás, para esse momento, e digo a mim mesmo que aquela foi a razão pela qual as coisas aconteceram como aconteceram. O meu pai tentava dar-me o benefício da sua experiência.

Sentia-se sempre mais confortável perto dos inquilinos do que com as pessoas no escritório ou em casa. Um inquilino começava uma história, às vezes sobre a incapacidade de lançamento dos Phillies contra os Brooklyn, e outras vezes sobre a razão pela qual não havia dinheiro suficiente no envelope, e eu conseguia dizer, pela forma como o meu pai estava de pé, pela maneira como acenava numa parte ou noutra, que prestava atenção. As pessoas que estavam atrasadas com a renda nunca se queixavam de uma janela empenada pela pintura. Só queriam a oportunidade de lhe contar o que lhes acontecera naquele mês e

garantir que não se repetiria. Nunca o vi repreender os inquilinos ou fazer ameaças. Apenas escutava e depois dizia-lhes que dessem o seu melhor. Porém, ao fim de três meses de conversa, havia uma família diferente a morar no apartamento. Nunca soube o que acontecia às pessoas que estavam mal na vida, pois acontecia em algum outro dia que não no primeiro sábado do mês.

O meu pai fumava mais à medida que o dia avançava. Eu sentava-me ao lado dele no banco largo do carro, a olhar para os números no livro ou a ver pela janela as árvores passarem rapidamente. Quando fumava, eu sabia que ele estava a pensar e que devia ficar calado. Os bairros pioravam à medida que nos dirigíamos para Filadélfia. Ele deixava os inquilinos mais pobres para o fim do dia, como se lhes quisesse dar horas extras para pagarem. Nas últimas paragens, eu preferiria esperar no carro, a brincar com o rádio, mas sabia o suficiente para saltar a parte em que lhe pediria isso e ele me diria que não. Os inquilinos de Mount Airy e Jenkintown eram sempre amáveis comigo, fazendo-me perguntas sobre a escola e o basquetebol, e oferecendo-me doces que fora aconselhado a não aceitar.

— Está cada dia mais parecido com o pai — comentavam. — Vai crescer para ficar como ele.

Mas nos bairros mais pobres as coisas eram diferentes. Não que os inquilinos não fossem simpáticos, mas mostravam-se nervosos mesmo quando tinham o dinheiro na mão, talvez pensando em como tinha sido no mês anterior ou como seria dali a um mês. Eram respeitosos, não só com o meu pai, mas também comigo. Essa deferência deixava-me desconfortável. Homens mais velhos do que o meu pai chamavam-me Sr. Conroy, quando eu não tinha mais de dez anos, como se a semelhança que viam nos dois fosse mais do que física. Talvez vissem a situação como o meu pai a via. Um dia estariam a pagar-me a renda e, portanto, não deviam chamar-me Danny. Enquanto subíamos os degraus dos prédios, eu descolava lascas de tinta e passava por cima das ripas partidas. As portas entreabertas abanavam nas dobradiças, e nunca havia portas de rede. O calor nos corredores era tropical, ou não existia sequer. Aquilo fazia-me pensar no luxo que era ficar a tagarelar sobre uma torneira que precisava de uma anilha, esquecendo-me que aquele prédio tam-

bém era propriedade do meu pai e que ele tinha a mesma capacidade de abrir o porta-bagagens do carro e melhorar também as coisas ali. Uma a uma, ele batia às portas, estas abriam-se e ouvíamos o que as pessoas tinham a dizer: maridos desempregados, maridos desaparecidos, mulheres ausentes, crianças doentes. Certa vez, um homem confessou que não tinha o dinheiro da renda porque o filho estava muito doente e tivera de ficar em casa a cuidar dele. Estavam sozinhos no apartamento escuro, pois os outros tinham-se ido embora, supus. Quando o meu pai ouviu o suficiente, foi até à sala e levantou a criança febril do sofá. Eu não fazia ideia de como era o aspeto da morte, mas o braço do rapaz balouçou e a sua cabeça caiu para trás nos braços do meu pai. Aquilo deixou-me aterrorizado. Se não fosse pela profunda congestão da sua respiração, eu teria pensado que havíamos chegado tarde demais. O ar estava pesado com o cheiro mentolado do sofrimento. Talvez o menino tivesse cinco ou seis anos, pois era muito pequeno. O meu pai transportou-o escada abaixo e colocou-o no *Buick*, enquanto o pai vinha atrás a dizer que não havia necessidade de nos preocuparmos.

— Não é nada — continuava a dizer. — O rapaz vai ficar bem. — Mas entrou para o banco de trás do nosso carro e foi ao lado do filho até ao hospital. Eu nunca tinha viajado no banco da frente enquanto um adulto ia sentado atrás, e aquilo deixou-me nervoso. Não conseguia imaginar o que as freiras diriam se nos vissem. No hospital, o meu pai tratou de tudo com a rececionista, e deixámo-los lá, voltando para a nossa casa, sem dizermos uma palavra sobre o que acontecera.

— Porque terá ele feito isso? — perguntou-me Maeve à noite, após o jantar, já no quarto dela. O nosso pai nunca levava Maeve para cobrar as rendas, embora ela fosse sete anos mais velha do que eu e ganhasse o prémio de matemática na escola todos os anos. Ela seria muito melhor a lidar com o livro-razão, sem dúvida. No primeiro sábado de cada mês, depois de sermos dispensados da mesa e de o nosso pai ir para a biblioteca com a sua bebida e o jornal, Maeve puxava-me para o quarto dela e fechava a porta. Queria um relato do dia inteiro, passo a passo: o que acontecera em cada apartamento, o que os inquilinos tinham dito e o que o nosso pai lhes respondera. Até queria saber o que

havíamos almoçado no Carter's Market, onde parávamos sempre para comer umas sandes.

— O miúdo estava muito doente, só isso. Não abriu os olhos, nem sequer quando o pai o meteu no carro. — Já no hospital, o meu pai dissera-me que fosse à casa de banho dos homens lavar as mãos, pusesse água quente e usasse sabão, embora eu não tivesse tocado no rapaz.

Maeve refletiu sobre aquilo.

— O que foi? — perguntei.

— Bem, pensa nisso. Ele detesta pessoas doentes. Alguma vez pôs sequer um pé no teu quarto quando estavas doente? — Ela esticou-se na cama ao meu lado, ajeitando o travesseiro. — Se vais pôr os pés em cima da minha cama, o mínimo que podes fazer é tirar esses sapatos imundos.

Descalcei os sapatos. Será que ele se sentava à beira da minha cama e me colocava a mão na testa? Será que me trazia um *ginger ale* e me perguntava se eu achava que ia vomitar outra vez? Era o que Maeve fazia. E era o que Sandy e Jocelyn faziam quando Maeve estava na escola.

— Ele nunca entra no meu quarto.

— Mas porque fez isso tudo, se o pai do rapaz estava lá?

Eu quase nunca chegava a uma resposta antes de Maeve, mas neste caso era óbvio:

— Porque a mãe não estava lá. — Se houvesse uma mulher no apartamento, ele nunca interviria.

As mães eram a medida da segurança, o que significava que eu estava mais seguro do que Maeve. Depois de a nossa mãe ter partido, Maeve assumiu o cargo quanto a mim, mas ninguém fez o mesmo por ela. Claro que Sandy e Jocelyn cuidavam de nós. Garantiam que estávamos lavados e alimentados, que o nosso almoço era embalado e que as nossas quotas dos escuteiros eram pagas. Elas amavam-nos, sei que sim, mas iam para casa no fim do dia. Eu não me podia enfiar na cama de Sandy ou Jocelyn quando tinha um pesadelo a meio da noite, e nunca me ocorreu bater à porta do meu pai. Ia ter com Maeve. Ela ensinou-me a maneira correta de pegar num garfo, ia ver os meus jogos de basquetebol, conhecia todos os meus amigos, ajudava-me nos trabalhos de casa e dava-me um beijo todas as manhãs, antes de irmos cada um para

a sua escola, e outro à noite, antes de me deitar, independentemente de querer ser beijado ou não. Dizia-me, repetida e incansavelmente, que eu era amável, inteligente e rápido, e que podia ser um homem tão extraordinário quanto decidisse ser. Era tão boa em tudo isso, apesar de nunca ninguém o ter feito por ela.

— A mãe fê-lo por mim — afirmou, surpreendida por eu ter sequer tocado no assunto. — Ouve, miúdo, eu fui a sortuda. Tive anos com ela, e tu, não. Nem consigo pensar no quanto deves sentir a sua falta.

Mas como podia sentir falta de alguém que nunca conheci? Eu tinha apenas três anos, e se soube o que se passava, agora já não me lembrava. Foi Sandy quem me contou a história, embora partes dela eu já soubesse pela minha irmã. Maeve tinha dez anos quando a nossa mãe iniciou a partida. Certa manhã, Maeve levantou-se da cama e afastou as cortinas sobre o assento da janela para ver se nevara durante a noite. Nevara. A Casa Holandesa estava sempre gelada. Havia uma lareira no quarto de Maeve, e Sandy guardava a lenha seca na grade por cima de uma cama de jornais amachucados, de modo que, de manhã, tudo o que Maeve precisava de fazer era acender um fósforo. Fora-lhe concedida essa autorização quando completara oito anos. («A mãe deu-me uma caixa de fósforos quando fiz oito anos», contou-me. «Ela disse que a mãe dela lhe dera uma caixa de fósforos quando ela completou oito anos e que passaram a manhã a aprender a acendê-los. Mostrou-me como acender a lareira e, depois, nessa noite, deixou-me acender as velas do meu bolo.») Maeve acendeu a lareira, vestiu o roupão, calçou os chinelos e foi ao meu quarto, ao lado do dela, para ver como eu estava. Tinha três anos e ainda dormia. Não participei na história.

Então, ela atravessou o corredor até ao quarto dos nossos pais e encontrou-o vazio, com a cama já feita. Maeve voltou ao seu quarto e preparou-se para a escola. Tinha lavado os dentes e a cara e estava meio vestida quando Fluffy entrou para a acordar.

— Ganhas-me todas as manhãs — disse Fluffy.

— Devias acordar-me mais cedo — observou Maeve.

Fluffy disse-lhe que não precisava de se levantar mais cedo.

O facto de o nosso pai já ter saído não era estranho. A nossa mãe não estar em casa era pouco habitual, mas já acontecera. Sandy, Jocelyn e

Fluffy pareciam iguais a si mesmas. Se não estavam preocupadas, não havia motivo para nos preocuparmos. Era a nossa mãe quem levava Maeve à escola, mas Fluffy acompanhou-a nessa manhã, entregando-lhe o almoço que Jocelyn embalara. No fim do dia, Fluffy foi buscá-la. Quando Maeve lhe perguntou pela nossa mãe, encolheu os ombros.

— Com o teu pai, talvez?

A nossa mãe não estava em casa para jantar, e quando o nosso pai apareceu, Maeve quis saber aonde é que ela tinha ido. Ele envolveu-a com os braços e beijou-lhe o pescoço. Tais coisas ainda aconteciam. Disse a Maeve que a mãe fora a Filadélfia visitar uns velhos amigos.

— Sem se despedir?

— Ela despediu-se de mim — disse o nosso pai. — Acordou muito cedo.

— Eu acordei cedo.

— Bem, ela acordou ainda antes de ti e pediu-me que te dissesse que voltas a vê-la daqui a um ou dois dias. Toda a gente precisa de férias.

— De quê? — perguntou Maeve, querendo dizer: *De mim? De nós?*

— Da casa. — Ele pegou-lhe na mão e levou-a para a sala de jantar. — Este lugar é uma grande responsabilidade.

Como poderia ser uma grande responsabilidade quando Jocelyn, Sandy e Fluffy faziam o trabalho todo, se os jardineiros vinham cuidar do relvado e varrer as folhas e limpar a neve. Quando teria Maeve feito qualquer coisa no mundo para ser útil?

A nossa mãe não estava quando Maeve acordou na manhã seguinte e, mais uma vez, Fluffy levou-a à escola e foi buscá-la. No entanto, quando voltaram no segundo dia, a nossa mãe estava sentada na cozinha a tomar chá com Sandy e Jocelyn. Eu brincava no chão, a tirar as tampas das panelas.

— Ela parecia tão cansada — disse-me Maeve. — Como se não tivesse dormido durante o tempo em que esteve fora.

A nossa mãe largou a chávena e puxou Maeve para o colo.

— Aqui está a minha querida — disse, e beijou-lhe a testa e a risca do cabelo. — Aqui está o meu verdadeiro amor.

Maeve colocou os braços em volta do pescoço da nossa mãe e encostou a cabeça no seu peito, inspirando-a, enquanto ela lhe acariciava o cabelo.

— Quem tem uma menina assim? — perguntou a Sandy e Jocelyn. — Quem tem uma menina tão bonita, generosa e inteligente? O que fiz para a merecer?

Uma variação desta história aconteceu mais três vezes.

Ao longo dos dois meses seguintes, a nossa mãe desapareceu durante duas noites, depois quatro noites e ainda mais uma semana. Maeve começou a levantar-se a meio da noite para espreitar o quarto dos nossos pais e confirmar que ela se encontrava lá. Às vezes, via Maeve à porta. Então, levantava as cobertas, e Maeve flutuava até à cama sem fazer barulho e deslizava para junto da curva quente do seu corpo. Adormecia sem pensar, com os braços da mãe a envolvê-la e o batimento do seu coração, e a sua respiração atrás de si. Nenhum outro momento na vida poderia igualar aquele.

— Porque não te despedes de mim antes de ires? — indagava Maeve, e a nossa mãe apenas abanava a cabeça.

— Eu nunca poderia fazer isso. Nunca num milhão de anos poderia dizer-te adeus.

Será que a nossa mãe estava doente? Estaria a piorar?

Maeve assentiu:

— Ela estava a transformar-se num fantasma. Numa semana, aparecia mais magra, depois mais pálida, tudo a deteriorar-se muito depressa. Estávamos todos a desabar. A mãe chegava a casa e chorava durante dias. Eu ia sentar-me com ela na cama depois da escola. Às vezes, tu estavas na cama com ela, a brincar. Quando o pai se encontrava em casa, parecia tentar apanhá-la, quase como se andasse com as mãos estendidas. Sandy, Jocelyn e Fluffy andavam nervosas como gatos, mas ninguém falava disso. Quando ela se ia embora, tornava-se insuportável, e quando estava em casa, ficava insuportável de forma diferente, porque sabíamos que ia partir de novo.

Quando a nossa mãe se foi embora de vez, Maeve perguntou ao nosso pai quando voltava. Ele olhou para ela durante muito tempo. Não sabia que parte da verdade devia revelar a uma criança de dez anos, e decidiu contar-lhe tudo, que a nossa mãe não ia voltar. Fora para a Índia e não regressaria.

Maeve não conseguia decidir que parte da história era a pior: a mãe ter-se ido embora ou a Índia ficar do outro lado do planeta:

— Ninguém vai para a Índia!

— Maeve — disse ele.

— Talvez ela ainda não tenha ido! — Não acreditou nele, nem por um instante, mas se a história começara, então precisava de ser interrompida.

O nosso pai abanou a cabeça, mas não a tentou deter. De alguma forma, é capaz de ter sido a parte mais estranha.

Esta foi a história da partida da nossa mãe, e o ponto em que a história parou. Sem mais perguntas nem explicações. Se ela estava na Índia, o nosso pai devia ter ido buscá-la, mas nada disso aconteceu porque Maeve deixou de se levantar de manhã. Recusava-se a ir à escola. Sandy levava-lhe papa numa bandeja e sentava-se à beira da cama, tentando convencê-la a comer algumas colheradas, mas dizia que Maeve raramente se deixava convencer. Toda a gente via aquilo como a doença compreensível de uma menina que ansiava pela mãe. Estavam todos a sofrer de alguma versão semelhante, e então deixaram a criança afundar-se, sem nunca pensarem que ela ainda bebia o sumo de laranja e o copo de água e o bule inteiro de chá de camomila. Ela levava o copo para a casa de banho e enchia-o repetidamente, até enfiar a cabeça no lavatório e beber da torneira aberta. Fluffy levava-me para o quarto de Maeve e colocava-me na cama dela, e Maeve lia-me uma história antes de adormecer. Então, uma tarde, menos de uma semana depois de a nossa mãe partir de vez, Maeve não acordou. Fluffy sacudiu-a vezes sem conta e depois pegou nela ao colo e desceu as escadas a correr até ao carro.

Onde estavam todos? Para onde tinham ido o nosso pai, Sandy e Jocelyn? Onde é que eu estava? Sandy disse que não se lembrava.

— Foi uma altura terrível — afirmou, abanando a cabeça. O que ela sabia era que Fluffy levara Maeve até à entrada do hospital, onde algumas enfermeiras lhe tiraram a criança adormecida dos braços.

Ela ficou duas semanas no hospital. Os médicos disseram que a diabetes podia ter sido causada por um trauma ou um vírus. O corpo tinha todo o tipo de meios para lidar com o que não compreendia. No hospital, Maeve recuperava e perdia a consciência enquanto lhe estabilizavam

o açúcar no sangue. Tudo o que lhe acontecera fazia parte de um sonho. Disse a si mesma que a mãe não tinha autorização para a visitar, um castigo aplicado a ambas por algo que ela fizera e de que não conseguia lembrar-se. As Irmãs da Misericórdia, amigas da nossa mãe, visitaram-na. Duas meninas do Sagrado Coração ofereceram-lhe um cartão assinado por toda a turma, mas não puderam ficar. O nosso pai ia à noite, embora dissesse pouco. Segurava o pé de Maeve por cima do cobertor de algodão branco e dizia-lhe que precisava de melhorar, que ninguém aceitava aquilo. Jocelyn, Sandy e Fluffy revezavam-se para ficar com ela no quarto.

— Uma de nós contigo, uma com o teu irmão e outra com o teu pai — dizia Sandy. — Estão todos tratados. — Sandy disse que, quando precisava de chorar, esperava até Maeve adormecer e depois saía para o corredor.

Após Maeve voltar do hospital, as coisas pioraram. A lógica dizia que a ausência da nossa mãe deixara-a doente. Portanto, a lógica concluiu que mais conversas sobre a nossa mãe poderiam matá-la. A Casa Holandesa ficou em silêncio. Sandy, Jocelyn e Fluffy dedicaram-se à minha irmã, às agulhas, à insulina. Ficavam aterrorizadas com a forma como cada injeção a mudava. O nosso pai não queria ter nada que ver com isso. Fluffy, que naquelas semanas dormiu com Maeve, levou-a de novo ao hospital a meio da noite. Mais uma vez, estabilizaram-na e tornaram a mandá-la para casa. Maeve chorava até o meu pai entrar no quarto e lhe dizer que parasse. Tinham-se tornado todos personagens da parte pior de um conto de fadas. Ele tinha agora cem anos.

— Para — ordenava ele, como se mal conseguisse pronunciar as palavras. — Tens de parar.

E, finalmente, ela parou.